CARTAS

100 Maiores

Como assinante e interessado nos assuntos da revista, venho manifestar meu apreço pelo relançamento da mesma e apresentar contribuição pessoal quanto à lista publicada das 100 maiores empresas do agribusiness brasileiro. Faço-o em separado, esperando que possa ser aproveitada para divulgação proximamente, juntamente com os comentários que forem devidos.

Pedro Ramos
Instituto de Economia/Unicamp

Nota da redação: O leitor apresenta lista de 24 empresas do subsetor sucro-alcooleiro, extraída da publicação Balanço Anual, do jornal *Gazeta Mercantil*. Estão arroladas pelo patrimônio líquido e, do grupo, 22 não fazem parte do *ranking* publicado na *Agroanalysis* de dezembro passado, razão pela qual o leitor manifesta sua estranheza. Mas a diferença entre os critérios adotados pela *Gazeta* e pela FGV explica a aparente divergência. A *Gazeta* classifica as empresas a partir unicamente do patrimônio líquido, já a FGV constrói seu *ranking* conforme uma ponderação de cinco variáveis, a saber: patrimônio líquido, receita operacional líquida, imobilizado líquido, lucro líquido e capital realizado.

Além disso, a amostra de balanços da FGV é constituída apenas por empresas S.A., as quais são obrigadas pela lei das sociedades anônimas a publicarem balanços e a obedecerem determinados critérios. Para maiores esclarecimentos, ver nota metodológica na edição de *Agroanalysis* de dezembro de 1994.

Agricultura forte

Parabenizamos a Fundação Getulio Vargas pela publicação da revista *Agroanalysis*, instrumento valioso de informação para a atividade agrícola nacional e o agribusiness. Esperamos que o governo federal acorde para priorizar o setor primário nacional, única maneira de alavancarmos o Plano Real, estabilizarmos a economia e assentarmos as bases do nosso futuro desenvolvimento agrícola e agroindustrial auto-sustentado. Sem uma agricultura forte, perderemos mais quatro anos e ficaremos à mercê dos cartéis internacionais. Receba os nossos parabéns e esperamos que a *Agroanalysis* tenha uma circulação em constante aumento, devido a seu alto padrão técnico, e venha conscientizar as autoridades deste país de que, sem uma agricultura forte, não poderá haver desenvolvimento e progresso.

Cornélio de Piero
Grupo Agrossol, Comissão Permanente Pró-Oeste da Bahia e presidente da Associação Baiana de Produtores de Sementes e Mudas, Barreiras,BA.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS
Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Rubens de Mello Nogueira Abdelhay (índice FGV/Abag), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Edna Frias de Souza, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico).

Copidesque:
Lauda Editoração e Comunicação Ltda.

Técnico em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ana Paula de Mello Carvalho, Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Chefe: Francisco de Castro Azevedo
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha
Editoria de arte: Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.
Comercialização: Juarez Nery de Souza, Valéria Oliveira Santiago.
Vendas de assinatura: José Milton Gondim.
Vendas avulsas: Edna Kumakola
Publicidade:
Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 – Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 – Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.
Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105
São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.
Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres

Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen

Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres

Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen

Vogais: Aldo Baptista Franco, Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira.

Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou

Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal

Vogais: Abgar Renault, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Credit Commercial de France S.A., Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grêllo, Edmundo Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Estado de São Paulo, Gilberto Duarte Prado, Gilberto Ulhôa Canto, Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Rubens D'Almada Horta Pôrto, Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.

Suplentes: Antonio Monteiro de Castro (Souza Cruz S.A.), Armando Klabin (Klabin Irmãos & Cia.), Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), Guilherme Augusto Frering, João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão

Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva

Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes

Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa

Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira

Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota

Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira

Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 Entrevista com José Pilon
6 Cartas
8 Proálcool
8 Panorama estrutural do segmento sucroalcooleiro
12 Gerenciamento dos preços do segmento sucroalcooleiro
15 De novo a polêmica do álcool
15 Maiores investimentos em Pernambuco
16 O fornecedor de cana e o setor sucroalcooleiro
18 A polêmica do álcool combustível
19 Opiniões: Petróleo e álcool
21 Opiniões: Ajuste necessário
23 Opiniões: Álcool e petróleo — aspectos da questão
24 Notícias do setor
26 Conjuntura do agribusiness:
26 Fumo
29 Castanha de Caju
31 Soja
34 Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995
36 IBGE — Síntese estatística
38 Oferta e demanda
40 Estatísticas agropecuárias
46 Panorama agropecuário
50 Panorama internacional
52 Janela aberta

Carro a álcool, você ainda terá um

As principais economias ocidentais reagiram aos sucessivos choques dos preços externos do petróleo, nos anos 70, com o mais puro pragmatismo. Transferiram os aumentos de preço da matéria-prima petróleo para os consumidores finais.

Em conseqüência, enfrentaram alguma pressão inflacionária, a qual foi combatida pelas autoridades governamentais, provocando alguma recessão. E, é claro, os diversos institutos de pesquisa ligados à questão energética obtiveram alguns bilhões de dólares a mais para empreender seus experimentos. Avanços efetivos foram concretizados. Mas ainda não se encontrou combustível capaz de competir com o petróleo.

E o Brasil, o que fez? Certo ou errado, o Brasil criou o Proálcool. Fomos originais, é inegável. Vivíamos os anos do milagre econômico, com taxas anuais de crescimento ao redor dos 10%. E, no campo político, os anos de chumbo da ditadura militar. Além disso, o último ciclo altista dos preços externos do açúcar havia mobilizado investimentos privados para a instalação de uma formidável capacidade industrial de esmagamento de cana.

Esse era o pano de fundo. O sentimento nacionalista, característico de períodos de fechamento político, contribuiu com o tempero.

As importações de petróleo consumiram, em 1980, 47% da receita cambial. Se os preços internos dos derivados de petróleo fossem proporcionais ao custo da matéria-prima, as pressões inflacionárias e a desaceleração do crescimento econômico seriam inevitáveis. E escolhemos o caminho de produzir um combustível renovável, a partir do álcool de cana.

O Brasil desenvolveu tecnologia pioneira na produção de álcool, de motores movidos a álcool, de equipamentos industriais para as usinas etc. E, paralelamente, tecnologia altamente sofisticada de pesquisa e extração de petróleo em águas profundas.

Mas os preços do petróleo caíram e os incentivos governamentais ao Proálcool encolheram. No final dos anos 80, uma séria crise de suprimento abalou a credibilidade do programa. O consumidor de veículos hoje dá preferência ao motor movido a gasolina, temeroso que outra crise o obrigue a deixar o carro na garagem.

Por outro lado, a questão ambiental, que pouca atenção despertava na época dos choques do petróleo, está hoje na ordem do dia. Os EUA e alguns países europeus já deram início a programas de mistura de combustíveis renováveis à velha gasolina, com o objetivo de reduzir os níveis de poluição nas grandes cidades. O Brasil domina essa tecnologia e, por certo, nossos empresários estão atentos para aproveitar as oportunidades desse promissor mercado.

A realidade de hoje, porém, nua e crua, é que a produção brasileira de álcool só é viável se for preservado o arcabouço de proteção desenvolvido nessas décadas de Proálcool.

Qual o caminho para os próximos anos? Sucatear o programa ou continuar subsidiando a produção de álcool, por meio de impostos que encarecem artificialmente os preços dos derivados de petróleo?

Os princípios do liberalismo econômico ensinam que a hipótese do subsídio só deve ser aceita se inevitável. E, nesse caso, fazendo com que os agentes econômicos se comportem da forma mais assemelhada àquela que aconteceria se o mercado fosse livre.

Nessa linha de raciocínio, uma idéia poderia ser melhor estudada. Reunir em leilões os produtores de álcool e as empresas distribuidoras do produto, de forma a minimizar o subsídio requerido para a produção. Esse caminho já foi testado, entre outras oportunidades, quando da exportação de milho dos estoques governamentais. Naquela época, os preços internos do cereal eram bem superiores às cotações internacionais, de forma que a exportação só se tornaria viável com subsídios. A seleção dos fornecedores via leilões reduziu significativamente o nível de subsídio requerido.

Agroanalysis não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas de contribuir para que a discussão aconteça. E, por isso, todos os segmentos organizados diretamente interessados no tema foram convidados a contribuir.